

O MITO COMO ELEMENTO DE REPRODUÇÃO DOS SABERES E PRÁTICAS DA PESCA ARTESANAL FEMININA EM UMA COMUNIDADE NA AMAZÔNIA

MYTH AS AN ELEMENT FOR THE REPRODUCTION OF THE KNOWLEDGE AND PRACTICES OF FEMALE ARTISANAL FISHING IN A COMMUNITY IN THE STATE OF AMAZON

RESUMO

Este artigo objetiva discutir o mito enquanto elemento que normatiza e conforma a reprodução da atividade de pesca artesanal feminina na comunidade Segredinho/Capanema-Pará, nordeste paraense. A questão de pesquisa que conduziu o estudo foi a seguinte: como se dá a relação entre mito e a pesca artesanal feminina na comunidade Segredinho em Capanema-Pará? Sendo assim, optamos pela pesquisa qualitativa por envolver compreensões e reflexões acerca do objeto de estudo. Para isso, utilizamos como instrumentos a observação participante e a entrevista semiestruturada realizada com 06 mulheres pescadoras ligadas diretamente a pesca artesanal na referida comunidade. Após a análise, percebeu-se que a crença no mito local normatiza e conforma as atividades produtivas ligadas a pesca feminina e condiciona as pescadoras na realização de práticas conservacionistas no uso dos recursos que são extraídos do Lago do Segredo tanto pela percepção dos recursos como fundamentais para sua sobrevivência quanto pela manutenção da pesca como herança cultural para as novas gerações.

Palavras-chave: Mito. Pesca artesanal. Pescadoras. Saberes tradicionais.

ABSTRACT

The present article discusses myth as an element that regulates and explains the reproduction of the activity of female artisanal fishing in the Segredinho community, Capanema, in the northeast of Pará. The research question that guided this study was: how is the relationship between myth and female artisanal fishing in *Segredinho* established? Therefore, we chose the qualitative research method for our study as it involves the understanding and reflections about the object of study. Thus, we used as our instruments participant observation and the semi-structured interview carried out with 06 fisherwomen directly linked to artisanal fishing in that community. It was noticed that the belief in the local myth regulates and conforms to productive activities related to female fishing and conditions the fisherwomen to carry out conservationist

Nádia S. A. Rocha

Doutora em Educação em Ciências e Matemática (IENCI- PPGCIM/UFPA). E-mail: nrocha@ufpa.br
ORCID: 0000-0002-5048-9591

Marcelo V. Oliveira

Doutor em Sociologia (PPGSA/IFCH/UFPA). E-mail: marcelomvo@ufpa.br. ORCID: 0000-0001-6047-939X

Ariadne C. P. Contente

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará; Professora Adjunta III da Universidade Federal do Pará no Instituto de Educação Matemática e Científica. E-mail: ariadne@ufpa.br. ORCID: 0000-0001-9228-3690

practices in the use of resources that are extracted from the *Segredo* Lake. The reason for this is both the perception of the resources as fundamental for their survival and for the maintenance of fishing as a cultural heritage for new generations.

Keywords: Myth. Artisanal fishing. Fisherwomen. Traditional knowledge.

Introdução

Este artigo organiza-se a partir da concepção do saber tradicional contido nos mitos e cosmovisões existentes na comunidade Segredinho, localizada no município de Capanema, nordeste do estado do Pará, Amazônia oriental. Esse saber configura-se como elemento que orienta o uso e manutenção dos recursos naturais que envolvem o Lago onde é desenvolvida a pesca artesanal pelos/as moradores/as da comunidade, de modo específico, nesse trabalho, a pesca realizada por mulheres.

Evidenciar essas relações pelo trabalho das pescadoras se justifica: por sua contribuição para a reprodução cultural e socioeconômica dessa comunidade, pela relação direta estabelecida com a atividade, pelo fato de essas mulheres estarem presentes em todo o processo que envolve a pesca e por compreender o trabalho feminino envolvido nas múltiplas dimensões construídas histórica e cotidianamente nas comunidades tradicionais.

Além de ser uma forma de valorizá-las como profissionais que utilizam a pesca como principal meio de vida (GÓES, 2001). Considerando ainda, a relação sociocultural estabelecida e o entendimento de que sua ação se configura como pesca, dado a construção de uma invisibilidade feminina nessa atividade, fato ainda presente em comunidades na Amazônia, e que esta engloba dentre outros aspectos os saberes tradicionais.

Os saberes tradicionais são um dos elementos constituintes nos contextos amazônicos em que nos encontramos das atividades haliêuticas, já que inúmeras comunidades tradicionais, dentre elas, as de pescadores/as, desenvolvem a pesca artesanal e apresentam baixo impacto ambiental em suas atividades econômicas (DIEGUES, 2004; MORAES, 2005), visto que, utilizam os recursos naturais usando esses saberes construídos nas experiências cotidianas com a natureza e com diferentes grupos sociais, o que conforma comportamentos e ações integrados aos seus modos de vida e às atividades socioeconômicas e identitárias.

Dessa forma, compreendemos os saberes tradicionais enquanto “um conjunto de práticas cognitivas e culturais, habilidades e saber-fazer transmitidos oralmente nas comunidades de pescadores artesanais com a função de assegurar a reprodução de seus modos de vida” (Diegues, 1994; p. 196). Dentre os saberes próprios ligados a pesca, estão aqueles que perpetuam suas crenças (mitos), pois os ambientes pesqueiros – mar, rios, lagos, lagoas etc - são resguardados por seres misteriosos e encantados que se mantém nas relações geracionais por meio da transmissão oral.

Assim, trataremos enquanto *locus* da pesquisa, a comunidade do Segredinho, localizada a 27 km do município de Capanema-PA. A população se organiza socialmente e economicamente na atividade da pesca artesanal no lago que situado à 2 km da comunidade.

O Lago do Segredo é um ambiente povoado por seres míticos, legitimados, reconhecidos e respeitados pela população local. Os comunitários, em seus discursos, ressaltam a existência de um ser encantado que mora no lago, que guarda e protege esse ambiente, gerando assim, inúmeros ritos, ações, comportamentos e situações que respondem a um conjunto de saberes mitológicos, e, que ligados a pesca, colaboram no desenvolvimento das relações socioeconômicas dos moradores.

Para Almeida (2017, p.61) muitas comunidades vão se adaptando ao seu meio natural como forma de apreender seus ensinamentos, repassados de forma oral, para garantir a socialização de seus saberes, “em lugares ainda não cooptados pela lógica do sistema mercadológico que tudo nivela, padroniza”. São exemplos de comunidades tradicionais as que suas ações são conduzidas via saberes apreendidos com a escuta e relação da natureza, inclusive de parentesco, como afirmada por Krenak (2019), construindo nela seus ensinamentos e orientações. Mesmo com a premência da sobrevivência, em um contexto desfavorável ao reconhecimento de identidade, das práticas culturais e socioeconômicas e da territorialização, ainda mantêm a atividade da pesca, distante, ou como contraponto, das transformações econômicas globais.

Essas comunidades alimentam-se da crença em seus mitos, que são os saberes específicos aonde encontram explicações para ocorrências cotidianas, por meio de estratégias próprias de leitura da natureza; e, ao mesmo tempo que as constituem, é composto pelas relações sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, partindo desses pressupostos, extraímos enquanto questão de pesquisa: como se dá a relação entre mito e a pesca artesanal feminina na comunidade Segredinho em Capanema-Pará?

Segundo Morin (2011, p.56-57) “existe em cada cultura um capital específico de crenças, ideias, valores, mitos e, particularmente, aqueles que unem uma comunidade singular a seus ancestrais, suas tradições, seus mortos”. Tais elementos são perceptíveis em comunidades onde a sobrevivência depende grande parte dos recursos naturais, além disso, desenvolvem um amplo sistema de compreensão da natureza e a sistematizam, observando seu ritmo, suas estações e seus desdobramentos temporais, climáticos e biológicos das espécies.

Este artigo traz um recorte dos resultados obtidos durante a pesquisa de mestrado realizada em 2009 a 2010 na comunidade Segredinho e objetiva discutir o mito enquanto elemento que normatiza e conforma a reprodução da atividade de pesca artesanal feminina na comunidade Segredinho/Capanema-Pará, nordeste paraense.

Partimos da hipótese de que as comunidades tradicionais têm desenvolvido relações econômicas de menos impacto ambiental para preservar seus recursos naturais. Elas mantêm suas atividades econômicas por meio da capacidade de solucionar problemas locais e imediatos relacionados ao manejo dos recursos em práticas conservacionistas, tendo nos saberes tradicionais instrumentos que condicionam seus comportamentos, além de serem elementos de reprodução social e cultural.

Metodologia da pesquisa

As ações metodológicas não devem ser consideradas elementos prontos e acabados, mas como um processo dialético que envolve ações/reflexões que levarão a um contato particular e imprevisível, não só com o espaço em questão, mas principalmente com os atores sociais envolvidos, incluindo os pesquisadores, o que também torna a experiência única e singular. Partindo desse entendimento, optamos pela pesquisa qualitativa, por definir um caminho metodológico imprescindível a esse movimento curioso, criativo e inquieto, rumo à qualidade na construção dos dados, que não são “dados” em si mesmos, mas tão somente pela significação que dá ao pesquisador quando estes possibilitam análises reflexivas e ressignificação das práticas dos sujeitos em diversos contextos (DA MATA, 1987).

Para subsidiar o caminho percorrido foram utilizados alguns procedimentos metodológicos, como a observação participante, escolhida para “recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de suas perspectivas e seus pontos de vista” (CHIZZOTTI, 2001; p. 90). A observação foi realizada na comunidade no período de março a dezembro de 2010 e utilizada para verificar/acompanhar os eventos mais preponderantes dentro da comunidade, ligados a pesca e para a cultura local dentro do movimento interativo que acontece dentro do grupo e com a natureza. As percepções foram registradas por meio de fotografias e no diário de campo dos pesquisadores.

Aliado a isso, escolhemos e realizamos também a entrevista semiestruturada que permite compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (DEMO, 2001). A entrevista foi conduzida por meio de um questionário semiestruturado a fim de direcionar as questões minimizando a expansão dos elementos, tendo sido registrada em gravação de áudio e transcrita posteriormente.

Quanto ao *locus* da pesquisa, Segredinho é uma comunidade aonde os moradores realizam pesca e agricultura, ambas de subsistência e com caráter complementar. A comunidade possui em torno de 280 domicílios, o que totaliza aproximadamente 900 pessoas. Funcionam duas escolas municipais sendo uma creche, (para o atendimento das crianças que estão na Educação Infantil) e uma escola de Ensino Fundamental dos anos iniciais (1º ao 5ºano).

A escolha da comunidade se justifica pela identificação e preponderância dos saberes da tradição ligados a atividade da pesca artesanal realizada por homens e mulheres, além da presença do mito local como condicionante das relações entre os moradores e o Lago do Segredo.

Os moradores desenvolvem atividades como a pesca artesanal no Lago do Segredo e a agricultura familiar de pequeno porte, aonde são contratados para os serviços de colheita e plantio do feijão, principal produto comercializado na região. Grande parte dos moradores também complementam a renda com o Auxílio do Governo Federal, por meio do programa Bolsa Família.

O Lago do Segredo é o ambiente onde é desenvolvida a pesca. Dele é retirado os recursos pesqueiros, principalmente com o auxílio de instrumentos como o caniço¹ e rede de náilon², os quais, em sua maioria, são construídos pelos próprios pescadores/pescadoras que se envolvem em todo o processo de desenvolvimento da pesca, ou seja, são responsáveis pela captura de iscas, produção e manutenção dos instrumentos e pela realização da atividade sem divisão de tarefas entre si ou envolvimento de terceiros; o que também reforça o caráter artesanal da pesca.

Para compreender as percepções e comportamentos, realizamos a entrevista com 06 moradoras/pescadoras que nasceram na comunidade e desenvolvem a pesca com grande frequência e possui a atividade econômica como parte da subsistência. Para manter as identidades preservadas, decidimos adotar nomes fictícios, sendo elas: Antônia, 46 anos; Raimunda, 49 anos; Nazaré, 78 anos; Rita, 32 anos; Joana, 25 anos e Neide, 36 anos. A entrevista foi realizada durante o acompanhamento das atividades cotidianas das mulheres e nos momentos da realização da pesca no Lago.

Os procedimentos de tratamento dos dados foram organizados por meio da análise de conteúdo conforme anunciado por Silverman (2009), ressaltando na observação das regularidades, ou seja, da reiteração de ideias, reflexões e perspectivas que tendem para um ponto de confluência. Observando de um lado, as comunalidades, ou seja, os aspectos que os diferentes sujeitos trazem em comum em suas falas e, de outro lado, as divergências e contradições entre ideias e posicionamentos manifestos nos comportamentos observados.

Durante a realização da pesquisa, acompanhamos a pesca no Lago realizada pelas mulheres; mantivemos aproximação a partir do aspecto vivido pelos comunitários em suas rotinas cotidianas. Captamos, via observação, palavras, comportamentos e ações que culminassem para o entendimento de seus modos de vida e as percepções de seus saberes.

Saberes tradicionais, mitos e o manejo dos recursos naturais pelas mulheres

A Amazônia, além da biodiversidade ecológica que comporta, é uma região de evidente diversidade cultural. É perceptível como a formação do povo brasileiro

¹ De acordo com Moraes (2005), o caniço é um instrumento muito utilizado para fisgar. Prepara-se um caniço com cerca de dois metros de comprimento, utilizando-se galhos de caniceira (*Duguetia Sp. anonaceae*), uma árvore indicada por sua flexibilidade e resistência. Com o bambu (*Dendrocalamus giganteus*) no meio da haste, amarra-se uma linha clara de mono filamento de náilon, o qual se estende até a extremidade fina do caniço, onde é novamente amarrado. Da ponta do caniço, alinha percorre cerca de 1,75 metros antes de receber um pedaço de chumbo de aproximadamente 50g. Aproximadamente 10 cm abaixo deste peso, o pescador amarra um pequeno anzol nº 8 ou 9. Dessa forma, em poucos minutos o caniço está pronto.

² Trata-se de um instrumento feito de fio plástico (náilon) no qual o tamanho da malha e a espessura do fio são os elementos que definem o tipo de peixes que serão capturados. São colocadas da superfície para o fundo, onde são amarrados pedaços de chumbo para que permaneça fixa e imóvel, é estendida verticalmente e chega a se estender de uma extremidade a outra do lago.

tem raízes nas culturas tradicionais que serviram de base para fortalecer costumes, crenças e valores (FURTADO, 1993). Em alguns momentos da história, a formação econômica brasileira, principalmente na região norte, foi baseada unicamente no modo de organização desses povos através do emprego de técnicas adaptativas usadas pelos grupos/etnias indígenas.

Hoje, com o desenvolvimento de novas técnicas e com o uso de equipamentos ligados à lógicas de maior transformação da natureza, grande quantidade de recursos de que dispomos estão voltados para a otimização do tempo. Caracterizados pelo modelo econômico capitalista de ruptura entre humanidade e natureza, da acumulação de capitais, que, baseados no lucro, na racionalidade da ciência e no modo de produção industrializada e em escala global, desconsideram muitas vezes o conhecimento tradicional em detrimento ao conhecimento científico. Isso tem causado sérias consequências em âmbitos locais e globais.

Autores como Ailton Krenak (2019) e Alberto Acosta (2016) discutem a categoria “humanidade” a partir das perspectivas inclusivas e multiétnicas, que englobam e respeitam as cosmovisões e relações com a natureza de populações consideradas minoritárias, como grupos indígenas e de matrizes africanas. Ambos se contrapõem, em seus livros “Ideias para adiar o fim do mundo” e “O bem viver”, a como essa categoria é apresentada na atualidade, que parte de um movimento de estabelecimento de poder e dominação, que grupos europeus e norte-americanos, secularistas, capitalistas e vinculados à ciência moderna impõem a grupos fora desses lugares e com perspectivas diferentes do seu modo de vida e formas de pensar e dar sentido ao mundo.

As inovações tecnológicas são instrumentos usados a partir de uma técnica racionalizada. O modo de produção capitalista faz isso, dá o sentido de tudo: da dominação, da exploração da natureza, do trabalho humano e da utilização dos recursos naturais de forma que não considera a sustentabilidade, mas sim a produção enquanto referência. Portanto, o sentido e o fim, dados pelo modo de produção capitalista, pela ciência moderna e os meios usados, (tecnologias e técnicas), têm provocado em grande medida a destruição dos recursos naturais, e a escassez destes, o que tem levado grupo sociais, econômicos e Estados a repensarem suas formas de intervenção na natureza como garantia de suas permanências na terra e em suas reproduções sociais.

A perda significativa dos recursos naturais leva ao questionamento das ações humanas e até onde podemos aguentar os efeitos produzidos pela exploração gradativa dos elementos naturais, imprescindíveis para a manutenção da vida. É preciso pensar em alternativas, reinventar e ressignificar outras formas de viver e produzir, em que a manutenção da fauna e da flora não sejam ameaçadas, mas uma preocupação com suas continuidades seja compartilhada e refletida.

Assim, não se pode negar os avanços tecnológicos, os grandes empreendimentos e nem voltar ao passado; ao que já foi consumido, porquanto fazem parte do conjunto evolutivo da ciência. Mas devemos utilizar esse cânone construído para repensar as formas de como se utilizam os recursos naturais e valorizar as formas de viver das comunidades tradicionais. Deste modo, os saberes tradicionais das mulheres na

realização de suas práticas socioeconômicas trazem como premissa uma proposta coerente na relação com a natureza e tem estado na pauta das discussões atuais.

Segundo Diegues (1994), o reconhecimento de grupos sociais, dos seus modos de vida particular e seus conhecimentos milenares menos agressores, colocam em pauta a necessidade de criar estratégias que os reconheçam e os valorizem enquanto povos diferenciados, que possuem extenso conhecimento das características ambientais, num processo de tentativa e erro, e possibilidades de manejo dos recursos naturais nos territórios que ocupam. Para Silva (2010), a visibilidade das formas existentes e diversificadas da vida social é crucial, tanto para a manutenção da sociobiodiversidade quanto para a biodiversidade. E ambas estão ameaçadas pelo modelo hegemônico presente na sociedade atual.

Somando-se a isso, há o entendimento que diferentes populações humanas têm produzido conhecimentos que auxiliam suas sobrevivências e seus bem-estares no ambiente em que residem. Tal assertiva tem relação principalmente com o tipo de atividade econômica que desenvolvem, e, ainda, com os saberes que são constituídos e constituintes de seus modos de vida.

Pautadas nas necessidades mais primárias da sobrevivência, as mulheres de muitas comunidades tradicionais desenvolvem um amplo conjunto de habilidades e fazeres que, embasados em crenças mitológicas ligadas ao ambiente aquático, extraem apenas o suficiente para seu consumo. Na ideia de manterem os recursos por mais tempo, de deixarem reservas para as gerações futuras, possuem com esse ambiente uma ligação simbólica, mágica e de dependência, não só econômica; atribuem a pesca artesanal um condicionante de suas formações social, cultural e religiosa, que traz inúmeros saberes e elementos que formam suas identidades, constituídas no âmbito da prática e da experiência.

Segundo Furtado (1993) há uma parcimônia no manejo de espaços aquáticos quanto a épocas, quantidades e em certos horários. À medida que as pescadoras acreditam que espíritos ou encantarias das águas podem favorecê-los ou prejudicá-los, automaticamente a sua ação oscila entre o intervir mais e o intervir menos sobre os recursos naturais.

Pensamento aliado aos saberes tradicionais que compõem o universo de conhecimento, que respondem de forma mais prática e particular aos problemas locais e integra a cultura e a formação da comunidade possuem suas particularidades e não devem ser comparados ou hierarquizados ao conhecimento científico, uma vez que cada um carrega consigo características próprias. Entende-se que é “preciso reconhecer que são muitas as formas de percepção de mundo, e cada uma delas traz em si a ideia de um saber inacabado” (SILVA, 2010, p.24).

Além dos saberes tradicionais, os mitos se fazem presentes nas comunidades de pescadores/pescadoras, por meio de suas crenças, práticas econômicas e culturais, contribuindo no desenvolvimento de uma relação mais próxima e contínua com a natureza. Para Santos (2007), ao se considerar a diversidade dos grupos culturais existentes no mundo, é possível aferir que eles possuem saberes múltiplos a respeito dos ambientes que habitam e que convém reconhecer e valorizar esse conhecimento

como uma resposta aos problemas socioambientais, imposto por um modelo de conhecimento racional, masculino, branco e europeu/norte-americano. Mas, pensar nessas relações a partir da perspectiva do trabalho feminino como alternativa para amenizar as questões de gênero.

Entretanto, quando se trata da superação das relações de gênero em atividades ligadas diretamente com o meio ambiente, observamos na atualidade a percepção de que o trabalho feminino vem contribuindo para a preservação de espécies e para a manutenção de ecossistemas ligados ao desenvolvimento de suas atividades. Esse saber difere em suas atividades e estabelece uma estreita relação com os elementos naturais, estando presentes na pesca, na agricultura, na extração vegetal, e demais ações realizadas pelas mulheres.

Portanto, as concepções de gêneros se diferenciam, na relação exercida com a natureza, elevando o papel social da mulher no cuidado de si e do meio ambiente que ela utiliza como meio de produção, visto como “expressam uma profunda consciência da necessidade de garantir a renovação desses recursos, sendo esta uma condição básica para a reprodução física e cultural da família” (ALENCAR, 1997; p.67). Esse fato vem contribuindo para a valorização do papel da mulher na esfera produtiva e como superação dos espaços antes definidos através do gênero e suas características peculiares.

Assim, dentre inúmeras formas de representação das crenças e saberes tradicionais construídos e desenvolvidos pelas mulheres nas comunidades tradicionais, enfocamos os mitos a partir das ideias apresentadas por Farias (2006; p. 19) que diz que “os mitos orientam as culturas na compreensão dos fenômenos da natureza, dos sentimentos, do desconhecido e das dores da alma. Funcionam como um código de valores sociais a ser seguido e respeitado”. Por tudo isso, faz parte da formação humana a dimensão mágica e simbólica de seus deuses e suas crenças.

Compreendemos os mitos enquanto uma forma de explicação dos fenômenos, do inusitado e do simbólico (FARIAS, 2006), muito presente nas comunidades tradicionais amazônicas. Por terem elas uma aproximação constante e próspera com a natureza e os seres míticos (a exemplo das comunidades pesqueiras), a relação constante com a natureza desenvolve um saber único, singular e diferenciado por meio da escuta sensível da sua manifestação, de seus movimentos e seres imaginários oriundos dos personagens mágicos e fabulosos.

Dessa forma, os saberes locais, no exercício constante das relações da mulher com o ambiente desenvolvido na crença dos mitos, apreendem as formas como elas produzem seus mundos, constroem seus discursos, estruturam as regras que norteiam o seu comportamento e como dão significados aos acontecimentos cotidianos (MARTINS, 2010).

Percebe-se que os saberes tradicionais estão relacionados a um amplo universo de elementos formativos, já que não se restringem apenas a um aspecto social e cultural. Os saberes são construídos por meio das relações com o ambiente, e, dessa forma, no trabalho produtivo diário a mulher pescadora passa a compreender que a manutenção dos recursos naturais é primordial para suas sobrevivências.

Isso porque,

Suas atividades apresentam-se complexas, pois constituem formas múltiplas de relacionamento com os recursos e é justamente essa variedade de práticas que assegura a reprodução do grupo, possibilitando também uma construção da cultura integrada à natureza e as formas apropriadas de maneja (CASTRO, 1999; p. 169).

O fragmento anterior enfatiza o tratamento diferenciado dado aos recursos naturais por meio do trabalho feminino, ao modo como os utilizam e os consomem diariamente, por acreditarem na presença de elementos mágicos e mitológicos presentes na natureza. O que poderíamos inferir como responsável por estabelecer relações mais equilibradas no usufruto de seus produtos naturais, porquanto as atividades econômicas realizadas por elas são responsáveis pela constituição cultural e social desses grupos. Assim, conhecer e entender essas formas de vida é valorizar a diversidade cultural, e, sobretudo, contribuir para a construção de novos saberes fundamentais na experiência e nas práticas produtivas dessas populações tradicionais.

Nessa direção, algumas comunidades rurais do nordeste paraense, por meio do trabalho feminino mantêm singularidades nas relações com o meio ambiente, na realização de suas atividades econômicas e conseqüentemente com o uso dos recursos naturais. Caminham na contramão do desenvolvimento econômico, mas avançam na formatação do modo de vida mais integrado e solidário entre si e a natureza.

O mito como compreensão das relações das pescadoras com a natureza

Na comunidade Segredinho, a pesca artesanal é desenvolvida no Lago que fica às proximidades da comunidade. Lugar envolvido em muitas histórias que alimentam a identidade da comunidade, já que nela os mitos contribuem para a conservação das tradições e influenciam fortemente o imaginário coletivo local, a começar pelo nome dado pelos moradores que o chamam Lago do Segredo.

Segundo os/as moradores/as, os indígenas foram os primeiros habitantes da Vila de Tauari, que fica a 3 km da comunidade de Segredinho. Essa vila era habitada por uma tribo onde um indígena descobriu que próximo dali existia um lago onde tinha muitos peixes e passou a pescar e caçar animais em sua redondeza. Segundo as moradoras, o indígena guardou este segredo, explorando sozinho esse ambiente. Os outros indígenas curiosos por saber de onde vinham os peixes e as caças trazidos pelo indígena, seguiram-no para ver onde estava seu segredo, e descobriram o lago. Assim que os índios descobriram o segredo, o indígena desapareceu na beira do lago onde estava pescando, e nunca mais foi visto.

Posteriormente a isso, o espaço passou a ser habitado por conta do lago que era muito rico de recursos naturais como peixes, plantas e a água utilizada em todos

os afazeres e nas atividades dos comunitários. Com o passar do tempo se constituiu uma vila e depois tornou-se uma comunidade vivendo basicamente da pesca artesanal realizada no Lago.

Esse é a explicação sobre a origem do lugar conservada entre as comunitárias, que atribuem ao Lago um espaço mítico e protegido por uma entidade mágica que cuida e protege o lago, dando inclusive os recursos naturais que servem de base alimentar para toda a comunidade.

Em suma, o segredo do lago está ligado à ideia de fartura presente na natureza e que é significativa dentro da teia simbólica, cosmológica, religiosa, tecida por diferentes grupos étnicos, inclusive os indígenas que habitavam a região. Isso configura, até o momento, o caráter mítico e simbólico mantido na comunidade, que acredita que o indígena ficou 'encantado' no lago. Essa história justifica o nome da comunidade como Segredinho e o território onde é realizada a pesca, denominado de Lago do Segredo.

A questão simbólica que envolve este ambiente constitui um conjunto de saberes e crenças que personalizam, além da pesca, os próprios indivíduos ligados a ela. É um elemento tão importante quanto os demais que compõem o universo dessa atividade, visto que está presente na formação socioeconômica e cultural das comunidades tradicionais e nos diferentes ambientes em que a pesca é realizada. Inclusive o fato das mulheres pescarem, uma herança cultural passada entre as gerações que se mantém de forma viva e significativa dentro da comunidade.

Em muitas comunidades o trabalho feminino ainda possui caráter complementar e as mulheres são consideradas "figurantes e/ou ajudantes". (SIMONIAN, 2001), principalmente quando se tratam de atividades em que são exigidas características reservadas ao gênero masculino como força e coragem.

Na pesca a Identidade da mulher é muitas vezes construída através da diferença imposta nos trabalhos realizados. "A oposição entre os espaços terra/mar corresponde à oposição entre mulher/homem a qual se refere à divisão sexual do trabalho" (WOORTMANN, 1992, p.32). O homem desempenha atividades ligadas ao mar e a captura dos peixes, enquanto que a mulher fica em terra, realizando as atividades complementares e de caráter doméstico, efetivando assim as diferenças sexuais estabelecidas nas relações de trabalho.

Porém, em muitas comunidades esta realidade tende a apresentar algumas mudanças. E o que era trabalho indireto passa a ter a mesma conotação e importância dentro da cultura de pesca em que as mulheres estão inseridas. Isso vem se configurando nos últimos anos, graças a estudos acadêmicos ligados a Sociologia e Antropologia. (LIMA, 2003; ESCALLIER, 1999; MANESCHY, 1997, 1995; MOTTA MAUÉS, 1977; WOORTMANN, 1992; CASTRO, 1999)

Esses estudos apontam que as mulheres desempenham inúmeras funções e são polivalentes, mas o não reconhecimento das várias atividades como sendo produtivas inviabilizam, seu valor enquanto participantes ativas (LIMA, 2003).

Entretanto, diferentes de outros lugares aonde o trabalho da mulher é silenciado e negado, na comunidade Segredinho existe um reconhecimento social das pescadoras,

não somente pelo caráter econômico de contribuição da renda alimentar, mas por meio do aspecto cultural, religioso e mítico que sustentam com a natureza.

Na comunidade, a pesca não pode ser compreendida apenas pela dimensão econômica, uma vez que carrega elementos identitários, de organização social, de gênero, de ancestralidade, geracionais, de sentido de mundo e de grupo, que agregam questões culturais que ultrapassam as necessidades cotidianas de sobrevivência, também presentes.

Além disso, os saberes tradicionais exercidos no contato constante com a natureza estabelecem domínios de relações que mantêm aspectos de conservação da natureza diferenciados dos sistemas da modernidade e mais capitalistas de produção. São instituídas outras formas e modos de se relacionar com a natureza, incluindo o parentesco e a noção de família. Krenak (2019) evidencia esse fato quando afirma que o rio é seu primo, a montanha é a avó etc.

Segundo Diegues (1994), entre os vários aspectos que constituem o particularismo do povo que pesca, sobressaem os aspectos simbólicos, mágicos e rituais de que se revertem em muitas culturas ribeirinhas a relação humana com a natureza. Esses aspectos simbólicos variam de cultura para cultura, quer sejam apresentados em mar, rios, lagos e etc. São rituais que encontram significados nas tradições, nos saberes e na manutenção das crenças que servem para conciliar a relação do ser humano com a natureza.

A história da origem do Lago do Segredo contada pelos moradores afirma que um indígena o descobriu e guardou esse segredo para usar os recursos naturais do lago sem compartilhar. Quando descoberto pelos outros indígenas, ele desapareceu no Lago e nunca mais fora encontrado. É dito que se transformou em uma cobra grande que mora e protege o lago, assim, cabem às pescadoras o manejo cuidadoso desses recursos.

Nas palavras de dona Raimunda: “o índio sumiu no lago e até hoje está mergulhado próximo da árvore que fica bem no meio do lago e nunca seca, cuida e mantém vivo nossos peixes, nossas plantas que nos serve de alimento”. Tal crença é repassada entre as gerações como um saber que direciona as ações e comportamentos ligados a utilização do lago. Dessa forma, o indígena normatiza e regula o uso dos ‘recursos’ presentes no lago, desdobrando no respeito à conservação.

A fala da dona Raimunda ratifica o caráter simbólico presente nas comunidades de pescadores artesanais, porque mantêm com os ambientes uma relação que conforma seus comportamentos. Consideram os espaços naturais como míticos e simbólicos que guardam segredos e seres encantados, o que lhes imprime uma responsabilidade em sua conservação. Essa assertiva se ratifica na fala de dona Neide: “o lago não é nosso, é do índio nós apenas usamos ele para nosso sustento, por isso, é necessário jeito e cuidado para que o índio não se afaste e a gente perca nossos peixes”. A relação demonstrada na fala evidencia respeito à crença no indígena e as pescadoras reconhecem que dependem do cuidado e permissão desse ser encantado para exercerem a pesca e a fazem com parcimônia e equilíbrio, não desperdiçando os recursos e extraindo as espécies que ainda “não estão prontas” para o consumo.

Durante o acompanhamento das atividades, percebemos que na chegada ao Lago as pescadoras mantêm um ritual de respeito com o ambiente, pedindo permissão ao indígena para pescar e solicitando uma boa pescaria. Isso foi perceptível por meio das conversas que eles estabelecem com o indígena, semelhante a alguém que pudesse ser visto pessoalmente. Fazem suas promessas de entregar presentes ao retornar da pescaria, e, se forem atendidos, deixam em um ponto central do lago objetos como bebidas, flores e cigarros, como forma de agradecer a produção daquele dia. Comportamentos regados de muito respeito e consideração por parte de todos/todas que utilizam o lago para pescar. Como podemos aferir nas seguintes falas:

Quando chego ao lago peço ao pai índio uma boa pescaria e na volta deixo um cigarro de agradecimento (Pescadora Joana).

Quando vou pescar converso com o índio e peço uma boa pescaria e ele sempre me atendeu (Pescadora Nazaré).

De acordo as assertivas acima esse comportamento justifica o que diz Moraes (2005, p.122-123) ao afirmar que “os seres fantásticos e as encantarias podem interferir na ação dos pescadores sobre a natureza na medida em que se traduzem em respeito e temor em relação às entidades protetoras das florestas e das águas”. São comportamentos inerentes à pesca ligada aos ambientes considerados localmente como encantados e mágicos.

Tal atitude é mantida pelas gerações mais antigas, e, quando alguém tem um comportamento desrespeitoso, é penalizado com a escassez de peixes, ficando com dificuldades na alimentação. Quando utiliza os recursos naturais de forma exagerada com atitudes de destruição, como: queimando as margens do lago, jogando lixo nos arredores, extraindo peixes no período de desova ou pescando peixes muito pequeno para o consumo; o morador é “castigado” com a escassez de peixe e com a presença no lago de possíveis predadores como cobras, jacarés, dentre outros. É uma forma de lembrar que o lago necessita ser tratado com cuidado e zelo.

Para Farias (2006), o simbolismo do mito transmitido de geração em geração, é considerado verdadeiro e autêntico dentro de um determinado grupo. Cada relato acerca da origem de determinados fenômenos e instituições, formula uma explicação, sentido e/ou cosmovisão, seja de ordem natural e social ou dos aspectos da condição humana. Durante as visitas à comunidade é comum ouvirmos histórias inusitadas de susto, castigo, adoecimento, e até mesmo de recompensa pelo cuidado ou desagrado feito ao indígena do lago.

Na comunidade, a maioria dos/as moradores/as acredita no poder sobrenatural do indígena e na proteção dada ao ambiente natural que é o lago. Para a pescadora Antônia,

Quando não cuidamos do lago, maltratamos os peixes, tirando antes da hora, o índio nos castiga com a falta deles e a pesca não rende, ficamos o dia todo pescando e não trazemos nada. E aí fazemos um agrado ‘pro’ índio, levamos um presente, uma prenda para que volte a ficar feliz com a gente.

Para as pescadoras que dependem dos peixes do lago, sofrer um castigo é enfrentar dificuldades de sobrevivência e também negar as tradições. Fica evidente que tais castigos ou benefícios estão relacionados ao manejo direto dos recursos naturais que não devem ser utilizados de forma predatória, visto que as consequências recairão sobre todos que dependem dos peixes no cotidiano como parte de sua alimentação.

A representação destinada ao indígena é responsável pela utilização dos recursos do lago apenas para a sobrevivência diária, uma concepção que é própria dos/as moradores/as da comunidade. Para eles/as, a exploração desmedida irá acarretar no futuro não só a perda das espécies de peixes existentes hoje, mas também parte de sua história e cultura, que são elementos imateriais tão importantes quanto a manutenção da ordem física. Isso nos é confirmado nas palavras da pescadora Rita: “temos que pescar com cuidado e respeito porque se não for assim não teremos nada no futuro. Nossos filhos vão depender do lago e queremos que utilizem os peixes também, por isso não podemos deixar acabar os peixes e nem o índio morrer”.

A fala da pescadora retrata o que nos aponta Farias (2006), que diz que tais comunidades utilizam diversos sistemas de interpretação e os mitos ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana, pois trazem à tona a função simbolizadora da imaginação, que é materializada nas atitudes e vivências cotidianas.

Na comunidade Segredinho é comum ouvir-se as narrativas mitológicas como explicação para fatos e situações ocorridas na comunidade. Algo comum, para o contexto amazônico que possui uma diversidade de saberes da cultura local como parte da tradição, já que

As pessoas veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. Procuram explicar o que não conhecem descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em redor (PAES LOUREIRO, 2001).

Assim, no consenso dessa afirmativa, compreendemos que esses saberes mitológicos presentes nas relações estabelecidas com o lago, reafirmam uma relação que orienta, regula e organiza o processo produtivo com o ambiente natural e seus recursos. É notório na comunidade, que os/as moradores/as, apesar de dependerem em grande parte da pesca no lago para subsistência familiar, retiram do mesmo apenas os peixes suficientes para seu consumo; respeitam o período de reprodução das espécies, e são conscientes da conservação necessária desse ambiente.

Assertiva ratificada por dona Nazaré, que diz:

Quando vou ao lago pescar e pego um peixe muito pequeno, devolvo, não fico, pois eu sei que se eu tirar ele não vai crescer e outros também não terão a chance de reproduzir e sei que o índio não vai gostar e depois pode não me dá uma boa pescaria.

No excerto acima, percebemos que a moradora se preocupa com a conservação das espécies, um comportamento presente nas demais pescadoras da comunidade, seja pela necessidade de reprodução dos peixes ou pelo medo do castigo do indígena, de qualquer forma, o mito influencia na tomada de decisão e na ação direta das moradoras no ambiente. O peixe que coletam do lago, na maioria das vezes, é utilizado para o consumo, e quando excede é vendido entre os próprios moradores; com a venda, o dinheiro adquirido auxilia na compra de outros alimentos, como o arroz, a farinha, o feijão etc.

Desse modo, no período de reprodução das espécies e durante o inverno (geralmente entre janeiro e maio), quando o lago fica muito cheio devido as chuvas, a pescaria fica mais difícil. Segundo as pescadoras, os peixes descem para outros territórios, levando as mulheres a realizarem outras atividades enquanto esperam. Fazem trabalhos na agricultura familiar como: venda de hortaliças, plantações de feijão, milho, ou fazem outros tipos de trabalhos, como: manicure, lavagem de roupas, vendas de cosméticos e etc. Na sapiência de darem à natureza seu tempo necessário para renovar seus estoques naturais, e por suas experiências no saber que o tempo é um dispositivo essencial na renovação das espécies, além de ser uma forma de manejo exercida entre os moradores.

Atitudes comuns em comunidades que fazem da pesca artesanal um instrumento de sobrevivência, reconhecem nessa atividade um meio de reprodução e construção de seus modos de vida, formação de saberes e condição básica para a manutenção material e cultural da família.

Tal entendimento se pauta em um paradigma que concebe aos saberes da tradição um importante aliado na construção de relações ambientais mais equilibradas. O reconhecimento destes saberes se pauta atualmente como importante contribuição à pesquisa, ao entendimento de modos de vida, à informação sobre as espécies naturais, manejo e gestão de recursos pesqueiros e segundo Almeida (2010, p.48):

As populações rurais e tradicionais, ao longo de suas histórias, têm desenvolvido e sistematizado saberes diversos que lhes permitem responder aos problemas de ordem material e utilitário, tanto quanto têm construído um rico *corpus* da compreensão simbólica e mística dos fenômenos do mundo.

A relação de troca e o convívio estabelecido entre as pescadoras e os pescadores objetiva perpetuar os ensinamentos e ressignificá-los diante da realidade que está posta. A preocupação com a sobrevivência das futuras gerações e da manutenção de suas crenças, é perceptível na fala de dona Nazaré:

Eu aprendi a pescar com minha mãe e ensinei minhas filhas, pois aqui na comunidade temos a vantagem de ter o lago aqui pertinho. Não quero ver isso tudo acabar, quero meus netos respeitando e cuidando do lago e do índio porque é dele que vem nossos peixes e nossa sobrevivência. Eu gosto de contar as histórias do índio, porque quero que os outros também acreditem e repassem a seus filhos.

Desta forma, entendemos que a percepção presente na comunidade sobre a forma como os mitos colaboram na manutenção de seus recursos, não se dá apenas pela utilização adequada dos recursos extraídos do lago. Mas, aliado a esses elementos, a permanência de seus costumes, seus mitos e que as gerações futuras saibam conservar e destinar a devida importância.

Vale ressaltar que é necessário compreender e questionar as formas diferenciadas de manejo e produção dos modos de vida como forma de valorizar aquelas que representam os saberes e a ciência dos povos tradicionais, que fogem ao modelo capitalista imposto, embora por questões de sobrevivência. Na atualidade, é importante refletir sobre o conhecimento do mundo, questionar o projeto epistemológico hegemônico que buscou a unidade, a uniformidade e a homogeneidade; o projeto que anuncia um futuro comum, negando o limite, o tempo, a história; a diferença, a diversidade, a outridade (LEFF, 2003).

É importante pensar em relações que valorize o outro, o seu saber e respeite as diferenças culturais e socioeconômicas. Em outras palavras, valorizar o humano, o tradicional na sua mais peculiar forma de vida, sem desmerecer ou negar as especificidades de cada povo, de cada local.

Considerações Finais

No cenário atual de mudanças e construção de novos paradigmas, não se deve desconsiderar os saberes das pescadoras da comunidade Segredinho/Capanema-PA, socializados pelos seus antepassados, por suas experiências e repassados às novas gerações. A permanência dos saberes mitológicos entre os/as moradores/as, divulgados por meio de eventos e narrativas sobre as histórias do indígena encantado no Lago, contribui para o desenvolvimento de ações e atitudes que se pautam na conservação e na manutenção da cultura local, sendo preponderante na organização econômica local. As pescadoras tendem a retirar do lago somente o suficiente para suas subsistências, e, por esta atitude não ser semelhante nas pessoas que veem de outros municípios, tem causado preocupação e conflito pelo uso do lago entre os/as pescadores/as locais e os de outros municípios.

Todavia, esta questão está para além dessa discussão, pois se interliga em um âmbito mais geral, que incorpora uma discussão epistemológica e prática ligada às diversas formas de construir e perpetuar os saberes, construídos e mantidos por meio de concepções e ideias que configuram a constituição dos povos e suas identidades.

Oportunizar esta discussão/compreensão é permitir um intercâmbio entre os diversos saberes, considerando-os numa totalidade possível; abrir caminho para pesquisas que considerem a contribuição das diversas áreas do saber, bem como do saber constituído na relação mais próxima com a natureza.

Portanto, a necessidade de ampliar esse debate e discutir sobre os modos de vida das comunidades tradicionais, abre espaço para dialogar com esses saberes a fim de ampliar a explicação e a busca de resposta para os diferentes fenômenos ambientais, sociais e econômicos. Dessa forma, percebe-se que ambos estão postos numa rede de relações; num processo complementar e integrador da construção do conhecimento e da formação cultural das populações. Para isso, se faz necessário construir formas de conhecimento mais compreensivas, plurais e solidárias, que não separe o ser humano de sua experiência, do seu saber, das transformações sociais e econômicas.

Os resultados deste trabalho apontam para a importância de valorizar o saber tradicional a partir dos mitos como uma alternativa, não única, de muitas comunidades manterem além dos recursos naturais, as culturas locais e os modos de vida. Acreditamos que as mulheres pescadoras da comunidade Segredinho são apenas um exemplo, dentre inúmeras que, por meio do saber tradicional, constituem relações ambientais de menos impacto, mas suas ações produtivas ainda continuam invisibilizadas. Investigar tais práticas é importante para superar visões distorcidas e incoerentes sobre o trabalho feminino desenvolvido nas comunidades tradicionais, muitas vezes imposta pelo modelo econômico vigente.

O conhecimento dessa perspectiva de relação da mulher com suas crenças construídas nas práticas socioambientais deve ser evidenciado na formulação e implementação de políticas públicas e sociais que respeitem as dinâmicas locais, protejam e promovam a reprodução social dessas práticas e todos os grupos. As experiências diárias e os aprendizados constituídos na relação com a natureza conformam a um modo de vida que ainda não se subordinou a dominação capital e a exploração da natureza em demasia.

O que nos faz crer que para além de modelos pautados na racionalidade e no consumismo, ainda existem comunidades, principalmente no interior da Amazônia, que ressignificam suas práticas econômicas, apesar das muitas dificuldades de sobrevivência em um sistema capitalista e hegemônico. Todavia, apresentar e discutir os modos de vida que vão na contramão deste modelo, é dar voz a muitas comunidades tradicionais que impõem formas de desenvolvimento ainda pautado na relação com a natureza como sua principal característica.

Por fim, é importante entender que a manutenção das tradições por mulheres destas comunidades não é algo que insiste em permanecer no passado, mas é uma condição essencial para a sobrevivência de gerações futuras e das próprias condições de vida que requerem respostas a problemas econômicos mais urgentes e imediatos. Assim, se faz necessário compreender as diversidades dos modos de vida e valorizar cada um com sua singularidade, sem menosprezar ou se sobrepor, mas compreender as diferentes manifestações desenvolvidas entre o material, o imaginário e o simbólico como elementos da cultura humana.

AGRADECIMENTOS

Ao NÚCLEO DE MEIO AMBIENTE – NUMA da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA onde foi realizado o mestrado de uma das autoras;

Ao Professor Doutor SÉRGIO CARDOSO DE MORAES (*in memoriam*) que foi o orientador da dissertação do mestrado que se desdobra neste artigo.

Aos pescadores e pescadoras da comunidade Segredinho/Capanema-PA.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Bredo. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ALENCAR, E.F. Trabalho Feminino e participação política como instrumento para a manutenção e renovação da qualidade de vida In: FURTADO, L.G. Amazônia: Desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida. Belém: UFPA, NUMA, 1997.p. 102-131.

ALMEIDA, M da C de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. São Paulo: Editora Livraria da Física: 2010.

ALMEIDA, M, da C de. Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição. 2ª Ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Livraria da Física: 2017.

CASTRO, E. Tradição e Modernidade. Novos cadernos NAEA, vol.2 nº1 – Belém –PA: dezembro 1999.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 5. ed. Cortez: São Paulo, 2001.

DA MATTA, R. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DEMO, P. Pesquisa: o princípio científico e educativo. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo, NUPAUB, Universidade de São Paulo, 1994.

_____. A Pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira. Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras: São Paulo, 2004.

FARIAS, C. A. Alfabeto da Alma: história da tradição na escola. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

FURTADO, L.G. Pescadores do Rio Amazonas: Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém-PA: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEFF, E. A complexidade Ambiental. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, J.P. Pescadoras e donas-de-casa: a invisibilidade do trabalho das mulheres numa comunidade pesqueira – O caso da Baía do Sol. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Pará: Belém, 2003.

MARTINS, K. S. B da S. Currículo escolar e saberes locais: ressignificação da prática curricular docente. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Manaus: 2010.

MANESCHY, M.C. Da casa ao Mar: Papeis das mulheres na construção da pesca responsável. Texto Seminário Internacional sobre pesca responsável. Ceará, 1997.

_____. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Boletim Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, Belém, v.11, n 2. 1995

MORAES. S. C. Saberes da Pesca: Uma arqueologia da ciência da tradição. Tese (Doutorado em educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicada: Natal, 2005.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro / tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF : UNESCO, 2011.

MOTTA-MAUÉS, M. A. Trabalhadeiras e camaradas: Um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores: Brasília/UNB (dissertação de mestrado), 1977.

PAES LOUREIRO, J. D. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001 (Obras Reunidas).

SANTOS, B, de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Critica de Ciências Sociais. Coimbra, nº 78, 2007.

SILVA, M, R, Farias da. Ciência, natureza e sociedade. Diálogo entre saberes. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

SILVERMAN, D. Interpretação de Dados Qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Artmed: Porto Alegre, 2009.

SIMONIAN, L.T.L. Mulheres da Floresta Amazônica: entre o trabalho e a cultura. Belém: NAEA/UFPA, 2001.

WOORTMANN, E. F. Da Complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em “pesqueiras” do Nordeste. Comunidades. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.18, fev.1992, p.41-61.

Recebido em 11/11/2021.

Aceito em 28/02/2022.